

AJ19228

TRIBUNA DO POVO

Vitória



Na parte baixa do bairro, predominam as casas de alvenaria



Os matagais funcionam como focos de mosquitos e outros insetos

Em Gurigica, pobreza e falta de infra-estrutura

Procedente principalmente de cidades interioranas deste e de outros estados, a maioria dos moradores do Bairro da Consolação, mais conhecido por Gurigica, dirigiu-se para Vitória a fim de tentar uma vida melhor. As origens da migração do homem para os grandes centros urbanos devem-se em parte à industrialização e à necessidade do homem de comunicar-se e ter melhores condições de vida. A

mudado, e isso aqui também. Hoje você pode ver esse monte de barracos espalhados por esses morros. Essa miséria lá em cima é que cresceu e as providências para dar a essa gente uma vida mais decente ninguém procura tomar".

ENERGIA ELÉTRICA

Dona Júlia continua, dizendo que "somente de uns 20 anos para cá, quando se passou a chamar Gurigica, é que o número de casas aumen-

ta. A casa deve ter um mês que eu mandei instalar a rede — finalizou dona Júlia.

CRESCIMENTO

Outra moradora antiga do bairro, dona Jandira Soares — que mora há mais de 30 anos em Gurigica — contou a história do crescimento do bairro, dizendo apenas que "quando eu vim para cá — antes ela morava em Viana — só tinha uma meia dúzia de casas, o resto era só mato e roça de família dos mendigos".

natural de Conselheiro Pena, Minas Gerais, e diz ter vindo com a família quando ainda era solteira, "porque aqui melhoraria a condição de vida de nossa família", acrescentando: "Lá nós trabalhávamos em casas de famílias e precisávamos de um emprego para ganhar melhor. Logo que chegamos aqui — sua família é composta de pai e mãe vivos, sete irmãs e um irmão — conseguimos um emprego melhor, onde ganhamos muito mais do que quan-

Maternidade Nossa Senhora da Penha, em Gurigica, o médico de plantão, Fernando Rogério Carvalho Braga, falou da pouca iluminação na rua do hospital e da constante falta de água. "Quando chove, a rua fica toda alagada, o mesmo ocorrendo com o hos-

bairro seja tomada. Ele é o presidente da Associação dos Amigos de Gurigica, entidade criada há 25 anos.

— A água aqui na baixada não é problema — afirma o coronel Hélio, mas a que vai para o morro é tocada a bomba, e não é suficiente para abastecer todo o



melhor. As origens da migração do homem para os grandes centros urbanos devem-se em parte à industrialização e à própria necessidade do homem de comunicar-se e ter melhores condições de vida. A migração desordenada que frequentemente atinge Vitória, a exemplo de Gurigica, gera sérios problemas sociais, desde o desajuste que o homem sofre com o impacto da realidade na cidade grande à promiscuidade.

Maria Carlo de Souza, conhecida no bairro como dona Júlia, viúva que mora há 40 anos em Gurigica, conta como foi o crescimento do bairro desde que lá chegou: "Isso aqui quase não tinha casa. Devia ter mesmo somente umas cinco ou seis. Quando eu vim pra cá, com marido e um casal de filhos, este lugar era chamado "Baixo da Água". Depois é que colocaram o nome Gurigica e agora já é Consolação. Sabe, o nome foi bastante

procura tomar".

ENERGIA ELÉTRICA

Dona Júlia continua, dizendo que "somente de uns 20 anos para cá, quando se passou a chamar Gurigica, é que o número de casas aumentou. Eu trabalhei 12 anos na fábrica de tecidos lá em Jucutuquara e caminhava até lá no escuro. Só depois, quando eu já tinha saído, é que colocaram luz. Mas só lá em baixo, porque por aqui puxaram energia agora, e assim mesmo, nas partes mais altas do morro não existe nem sombra de luz".

— Depois que cheguei pra cá, isso foi crescendo muito. Aquela estrada principal foi aberta por causa de uma campanha que nós, juntamente com o coronel Hélio, fizemos. Aliás, quase tudo que aqui foi feito devemos agradecer ao coronel, porque ele sempre toma a frente nos casos de problemas do bairro. De uns quinze anos para cá é que colocaram água no bairro. Aqui na minha

uma Soares — que há mais de 30 anos em Gurigica — contou a história do crescimento do bairro, dizendo apenas que "quando eu vim para cá — antes ela morava em Viana — só tinha uma meia dúzia de casas, o resto era só mato e roça de milho ou mandioca". Dona Jandira reclamou da falta de água, que, segundo ela, "é tocada a motor e chega dia sim e dia não". A falta de iluminação foi outro problema que ela fez questão de destacar, além da ausência de rede de esgoto.

— Essa casa onde moro é alugada, por isso não faço questão de colocar canos no esgoto — contou Marina Lourdes de Jesus, acrescentando ainda que "o dono da casa não se importa em acabar com essa imundície. Além de tudo, isso pode provocar doenças nas crianças e até mesmo na gente".

Marina Lourdes de Jesus é casada, tem dois filhos e mora há mais de dois anos no morro de Gurigica. Marina é

de famílias e precisamos de um emprego para ganhar melhor. Logo que chegamos aqui — sua família é composta de pai e mãe vivos, sete irmãs e um irmão — conseguimos um emprego melhor, onde ganhamos muito mais do que quando morávamos em Minas".

Os moradores de Gurigica reclamam muito da falta de uma delegacia no bairro. Dona Jovelina Nascimento, que mora há 8 anos no local, é casada, tem uma filha também casada e reclama muito das "bagunças" que acontecem no morro. "Cachaçada, mulheres desocupadas e maconeiros são o que mais temos por aqui. Todo fim de semana, a Polícia sobe aqui e leva um monte de gente. Mas não adianta nada, porque eles soltam os malandros no outro dia mesmo", afirma dona Jovelina.

HOSPITAL

Na Casa de Saúde e

Gurigica, o médico de plantão, Fernando Rogério Carvalho Braga, falou da pouca iluminação na rua do hospital e da constante falta de água. "Quando chove, a rua fica toda alagada, o mesmo ocorrendo com o hospital, o que já aconteceu umas três vezes só este ano. A causa do alagamento é a rede pluvial, — a mesma do esgoto — baixa, que está constantemente entupida. Um clube em frente também constitui outro problema, porque todos os finais de semana há bailes que vão até as duas ou três da madrugada, perturbando os pacientes.

Outro fato constante em Gurigica, pelo menos em frente ao hospital, como garante o médico, são os constantes arrombamentos de carros.

O coronel Hélio Nascimento dos Reis, que mora há 28 anos no lugar, é a pessoa a quem recorrem os moradores quando querem que alguma providência com relação aos problemas do

sociedade dos Amigos de Gurigica, entidade criada há 25 anos.

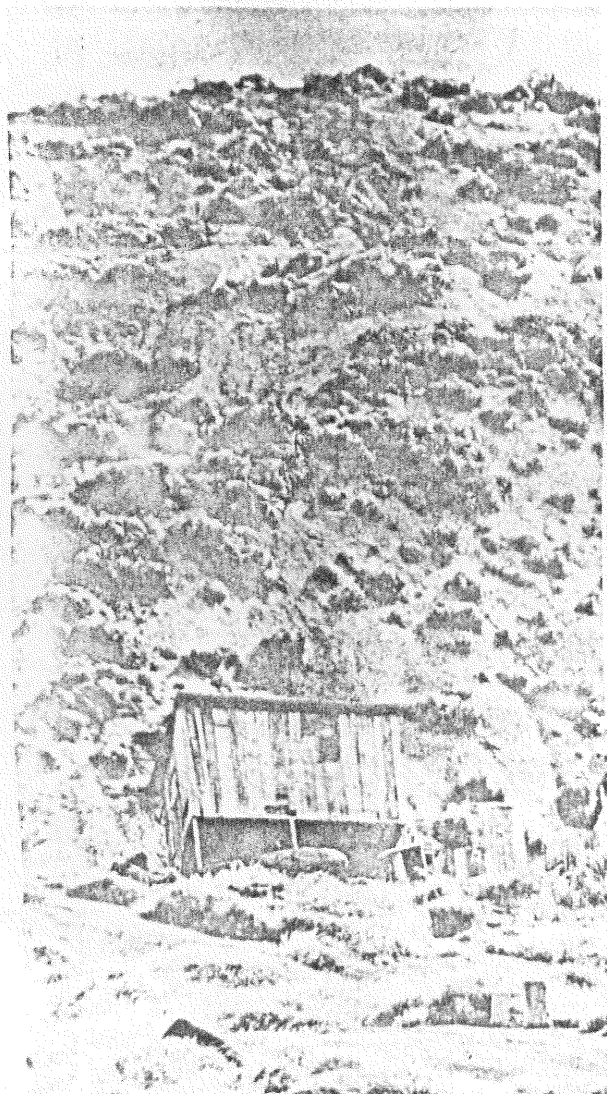
— A água aqui na baixada não é problema — afirma o coronel Hélio, mas a que vai para o morro é tocada a bomba, e não é suficiente para abastecer todo o morro. Lá em cima também falta iluminação nos postes próximos às escadas, e somente algumas casas possuem energia elétrica.

Na parte baixa do bairro, a rede de esgoto é a mesma de água pluvial, que antes de ser inaugurada, conforme disse o coronel, já estava entupida. "O que devia ser feito era drenagem", disse o coronel. E as casas ligadas à rede, quando chove, recebem de volta os esgotos, que transbordam pelos sanitários.

No centro da rua Desembargador Otávio Lengruber, que não é calçada, há um enorme valão, utilizado como depósito de lixo, pois só nas ruas onde há calçamento o carro da Prefeitura recolhe o lixo.



Marina: de MG, veio em busca de uma vida melhor



No morro, a presença dos barracos



Coronel Hélio: líder popular na comunidade



Na parte alta do bairro, a difícil sobrevivência dos menos favorecidos

melhor. As origens da migração do homem para os grandes centros urbanos devem-se em parte à industrialização e à própria necessidade do homem de comunicar-se e ter melhores condições de vida. A migração desordenada que frequentemente atinge Vitória, a exemplo de Gurigica, gera sérios problemas sociais, desde o desajuste que o homem sofre com o impacto da realidade na cidade grande à promiscuidade.

Maria Carlo de Souza, conhecida no bairro como dona Júlia, viúva que mora há 40 anos em Gurigica, conta como foi o crescimento do bairro desde que lá chegou: "Isso aqui quase não tinha casa. Devia ter mesmo somente umas cinco ou seis. Quando eu vim pra cá, com marido e um casal de filhos, este lugar era chamado "Baixo da Água". Depois é que colocaram o nome Gurigica e agora já é Consolação. Sabe, o nome foi bastante

ENERGIA ELÉTRICA

Dona Júlia continua, dizendo que "somente de uns 20 anos para cá, quando se passou a chamar Gurigica, é que o número de casas aumentou. Eu trabalhei 12 anos na fábrica de tecidos lá em Jucutuquara e caminhava até lá no escuro. Só depois, quando eu já tinha saído, é que colocaram luz. Mas só lá em baixo, porque por aqui puxaram energia agora, e assim mesmo, nas partes mais altas do morro não existe nem sombra de luz".

— Depois que cheguei pra cá, isso foi crescendo muito. Aquela estrada principal foi aberta por causa de uma campanha que nós, juntamente com o coronel Hélio, fizemos. Aliás, quase tudo que aqui foi feito devemos agradecer ao coronel, porque ele sempre toma a frente nos casos de problemas do bairro. De uns quinze anos para cá é que colocaram água no bairro. Aqui na minha

pra casa, que há mais de 30 anos em Gurigica — contou a história do crescimento do bairro, dizendo apenas que "quando eu vim pra cá — antes ela morava em Viana — só tinha uma meia dúzia de casas, o resto era só mato e roça de milho ou mandioca". Dona Jandira reclamou da falta de água, que, segundo ela, "é tocada a motor e chega dia sim e dia não". A falta de iluminação foi outro problema que ela fez questão de destacar, além da ausência de rede de esgoto.

— Essa casa onde moro é alugada, por isso não faço questão de colocar canos no esgoto — contou Marina Lourdes de Jesus, acrescentando ainda que "o dono da casa não se importa em acabar com essa imundície. Além de tudo, isso pode provocar doenças nas crianças e até mesmo na gente".

Marina Lourdes de Jesus é casada, tem dois filhos e mora há mais de dois anos no morro de Gurigica. Marina é

de famílias e precisamos de um emprego para ganhar melhor. Logo que chegamos aqui — sua família é composta de pai e mãe vivos, sete irmãs e um irmão — conseguimos um emprego melhor, onde ganhamos muito mais do que quando morávamos em Minas".

Os moradores de Gurigica reclamam muito da falta de uma delegacia no bairro. Dona Jovelina Nascimento, que mora há 8 anos no local, é casada, tem uma filha também casada e reclama muito das "bagunças" que acontecem no morro. "Cachaçada, mulheres desocupadas e maconeiros são o que mais temos por aqui. Todo fim de semana, a Polícia sobe aqui e leva um monte de gente. Mas não adianta nada, porque eles soltam os malandros no outro dia mesmo", afirma dona Jovelina.

HOSPITAL

Na Casa de Saúde e

Gurigica, o médico de plantão, Fernando Rogério Carvalho Braga, falou da pouca iluminação na rua do hospital e da constante falta de água. "Quando chove, a rua fica toda alagada, o mesmo ocorrendo com o hospital, o que já aconteceu umas três vezes só este ano. A causa do alagamento é a rede pluvial, — a mesma do esgoto — baixa, que está constantemente entupida. Um clube em frente também constitui outro problema, porque todos os finais de semana há bailes que vão até as duas ou três da madrugada, perturbando os pacientes.

Outro fato constante em Gurigica, pelo menos em frente ao hospital, como garante o médico, são os constantes arrombamentos de carros.

O coronel Hélio Nascimento dos Reis, que mora há 28 anos no lugar, é a pessoa a quem recorrem os moradores quando querem que alguma providência com relação aos problemas do

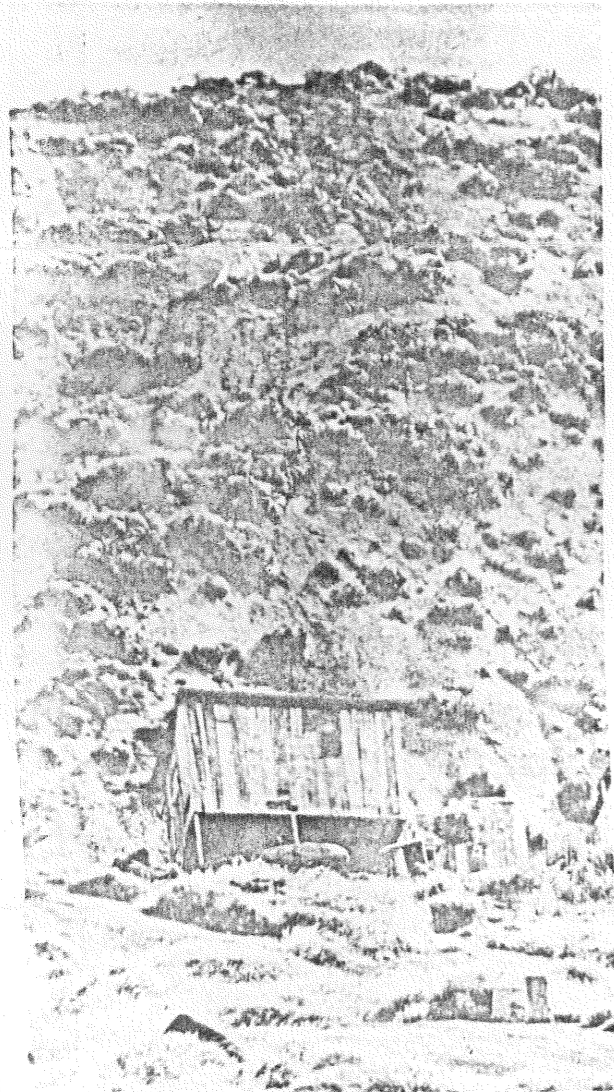
Gurigica, entidade criada há 25 anos. — A água aqui na baixada não é problema — afirma o coronel Hélio, mas a que vai para o morro é tocada a bomba, e não é suficiente para abastecer todo o morro. Lá em cima também falta iluminação nos postes próximos às escadas, e somente algumas casas possuem energia elétrica.

Na parte baixa do bairro, a rede de esgoto é a mesma de água pluvial, que antes de ser inaugurada, conforme disse o coronel, já estava entupida. "O que devia ser feito era drenagem", disse o coronel. E as casas ligadas à rede, quando chove, recebem de volta os esgotos, que transbordam pelos sanitários.

No centro da rua Desembargador Otávio Lengruber, que não é calçada, há um enorme valão, utilizado como depósito de lixo, pois só nas ruas onde há calçamento o carro da Prefeitura recolhe o lixo.



Marina: de MG, veio em busca de uma vida melhor



No morro, a presença dos barracos



Coronel Hélio: líder popular na comunidade



Na parte alta do bairro, a difícil sobrevivência dos menos favorecidos